

O movimento LGBTI+ em Sergipe: os 40 anos do Grupo Dialogay de Sergipe

José Marcelo Domingos de Oliveira¹
Andrey Roosevelt Chagas Lemos²

Resumo: Ensaio sobre o itinerário, ações, sujeitos e pautas desenvolvidas pelo Grupo Dialogay de Sergipe (GDS) desde a sua fundação, em 14 de março de 1981, até sua extinção, em 2003. O objetivo é instigar uma aproximação preliminar sobre a memória de um dos grupos LGBTI+ mais atuantes no Brasil. A revisitação aos documentos, recortes de jornais, depoimentos e fragmentos de memórias são essenciais para se compreender a dinâmica do movimento homossexual brasileiro nos últimos 40 anos. Romper o silêncio, o isolamento das práticas locais e encontrar os elos entre entidades e militantes espalhados pelo território nacional pode ajudar na interpretação da permanência das bandeiras de luta e das conquistas recentes na Justiça que se construíram neste longo percurso.

Palavras-chave: Diversidade; LGBTI; movimento social; Sergipe; memória.

¹ Sociólogo e Doutor em Ciências Sociais. Centro Universitário AGES. m13oliveira@hotmail.com.

² Historiador e mestre em políticas públicas, servidor público federal no SUS. andrey.lemos@hotmail.com.

Os ares da “abertura lenta, gradual e segura” proposta pelo Presidente Ernesto Geisel (1974-1979) e, levada adiante no Governo de João Batista de Oliveira Figueiredo (1979-1985), somada à Lei do Divórcio (1977), o aparecimento de novos atores sociais na cena pública com reivindicações pouco ortodoxas, especialmente em relação às bandeiras da mulher e da população negra, o forte anseio por participação social, influenciado pelos movimentos internacionais pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, o movimento estudantil na América Latina e a contracultura, constituem o ambiente de surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro. Entre os grupos sociais em mobilização no fim da década de 1970 e início dos anos 1980 estavam os gays e as lésbicas. Inicialmente, através da fundação do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, em São Paulo e no Rio de Janeiro, que se notabilizou pela publicação do Jornal “Lampião da Esquina” (1978-1983). Evidentemente, a chegada das pautas do Movimento Homossexual Brasileiro destoava das reivindicações em torno do custo da cesta básica, acesso a moradia e outras demandas da retomada do movimento sindical³.

Décadas mais tarde, as conquistas de direitos via Supremo Tribunal Federal (STF), a exemplo do julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26) que reconheceu a proteção do Estado contra crimes de homofobia, com fulcro na Lei de Racismo devido a omissão do Congresso Nacional em discutir uma legislação protetiva as pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Transgênero, Interssexuais (LGBTI+), implicam também em reconhecer a existência de cenários diversos ao longo dos últimos 40 anos em nosso país. Durante esse longo período, o Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), mesmo considerado extinto em 2003, permaneceu vivo no imaginário da população sergipana e demonstra o quanto as

³ Em 2018, comemorou-se 40 anos do Movimento LGBT brasileiro e, ao longo das últimas décadas foram publicados trabalhos relevantes, a exemplo dos estudos produzidos por Luiz Mott (2000), James Green (2000) e Green *et al.* (2014; 2018), Berenice Bento (2017), Edward Macrae (2018), Simões e Facchini (2009) entre outros e, ao reconhecer tais trabalhos, o nosso intuito é demonstrar interesse em um olhar aproximativo com o itinerário do Grupo Dialogay de Sergipe, demonstrando ser possível também fazer outras leituras além daquelas produzidas no eixo Rio-São Paulo.

instituições são capazes de ecoar sua força ao longo do tempo, a exemplo do Grupo Somos, em São Paulo, ou Triângulo Rosa⁴ e Atobá, ambos no Rio de Janeiro.

É pertinente considerar o fato de a história do Dialogay estar viva em nossas memórias e nas intenções acadêmicas de produção de um livro. Neste momento de comemoração dos 40 anos de sua fundação, a ideia tem ganhado corpo e aqui serão apresentados alguns dos pontos mais singulares desse resgate memorialista. É um esforço vinculado à possibilidade de tornar visíveis instituições consideradas periféricas, ou localizadas em regiões afastadas da grande mídia. Na década de 1980, a exemplo do Dialogay em Aracaju, o Grupo de Atuação Homossexual de Recife/Olinda (Gathó) também ocupou um lugar de destaque e relevância para a afirmação homossexual em nosso país, não importando aqui o fato de ter sucumbido ao longo do tempo. Essas atuações são importantes para a formação de uma rede, em um tempo de minguados recursos, acirrada repressão estatal, reprovação institucional católica e evangélica e uma mídia local afeita a publicar matérias sensacionalistas, corroborando com o modelo estereotipado de representação das sexualidades presente em programas humorísticos, quando não relacionando o tema a crimes e marginalidade.

O presente texto é elaborado por dois ex-integrantes do Grupo Dialogay de Sergipe. Marcelo Domingos, com atuação desde 1987, quando chegou a conhecer Wellington Andrade (fundador do GDS), iria se fazer mais presente a partir de 1994 e em 2000 seria eleito e assumiria a Presidência da Instituição, enquanto Andrey Lemos conheceu o Grupo em 1993, filiando-se em 1998, chegando à vice-presidência em 2000, contribuindo com a condução de projetos e ações.

O material utilizado faz parte do acervo coletado e mantido por Marcelo Domingos ao longo de sua trajetória no Dialogay. É um rico material iconográfico, de recortes de material jornalístico, vídeos, panfletos, revistas, entrevistas, cópias de documentos, além de monografias, dissertações, teses de doutorado e capítulos de livros

⁴ Fundado em 1985, na cidade do Rio de Janeiro.

que trazem informações sobre a Instituição, ou seja, os dados utilizados aqui fazem parte de um banco de dados pessoal formado ao longo de quase trinta anos de militância e pesquisa acadêmica. Nesta rica fonte se destacam: entrevista concedida por Wellington Gomes Andrade, notas jornalísticas sobre o Dialogay na imprensa sergipana, cópias de documentos do Dialogay e matérias sobre a instituição publicadas no Boletim do Grupo Gay da Bahia (MOTT, 2011).

A fundação do Grupo Dialogay de Sergipe

Em 28 de fevereiro de 1980 o antropólogo Luiz Mott, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) fundava o Grupo Gay da Bahia (GGB) e, em pouco tempo, com a desintegração do Grupo Somos e a perseguição política ao Jornal “Lampião da Esquina”, restou ao GGB o lugar de protagonismo, especialmente na condução de pautas importantes para a cidadania LGBTI+, a exemplo da exclusão da homossexualidade da condição de doença, em 1985, do Código do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) (DUNKER; QUINALHA, 2021). Através de uma das campanhas mais memoráveis, dizia-se: “É legal ser homossexual” e, mais adiante, junto com o Triângulo Rosa, o GGB mobilizaria a campanha por direitos iguais na Constituinte, através da proposta de inclusão do item de não discriminação por orientação sexual. Em carta enviada por Wellington Gomes Andrade a Affonso Arinos de Melo Franco, Presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, em 07 de agosto de 1986 a seguinte reivindicação era feita: “Movimento homossexual de Sergipe propõe mudança no texto constitucional sobre as garantias individuais no tocante à ‘homossexualidade’ e sugere outra expressão” (ANDRADE, 1986). A pauta de inclusão da proibição da discriminação por orientação sexual foi defendida presencialmente durante os debates da Constituinte pelo advogado gaúcho, radicado no Rio de Janeiro, João Antônio Mascarenhas (1927-1998), fundador

do Grupo Triângulo Rosa e primeiro decano do movimento homossexual brasileiro (ENTIDADE, 1987).

Em 1981, o jovem Wellington Gomes Andrade, 24 anos, vivenciava reuniões promovidas pelo Padre José Enaldo (PADRE, 2012) com segmentos marginalizados, entre os quais os gays. Nessa época Wellington tomou contato com o jornal “Lampião da Esquina” e soube da existência de organizações de defesa da causa homossexual. Assim estaria criado o *animus* dos alicerces do futuro Grupo Dialogay de Sergipe. Essa foi sempre uma das principais e bem-sucedidas estratégias do também conhecido como “Wellington Esperança”: convidar “vips homossexuais” a realizarem ações políticas em Aracaju.

Os primeiros cinco anos da década de 1980 foram nevrálgicos e importantes para o movimento homossexual brasileiro. Nesse período surgiram, além do GGB, em 1980, o Gathó em Recife (PE), em 14 de março de 1981 o Grupo Dialogay de Sergipe, em Aracaju (SE), e o Triângulo Rosa, em 1985, no Rio de Janeiro (RJ). Este cenário foi bem traçado por Edward Macrae (2018) em *A construção da igualdade*, reeditado em 2018. Na obra, o autor busca desvelar o contexto de surgimento do movimento homossexual brasileiro desde a abertura política, com o enfraquecimento do Governo Militar, discorrendo sobre as dificuldades enfrentadas no interior do Grupo Somos devido às discordâncias quanto ao modelo de luta, em relação às reivindicações sindicais, ou à adoção de posição mais ofensiva em relação à defesa dos direitos dos homossexuais.

A fundação do Dialogay constitui uma experiência um pouco diferente em relação aos demais grupos de defesa e afirmação da causa homossexual. Isso significa reconhecer a distinção entre os militantes locais e os integrantes do Somos, do GGB e do Triângulo Rosa, especialmente em relação à presença nestes grupos de intelectuais, artistas, advogados, funcionários públicos entre outros, envoltos numa atmosfera de debate das causas de exclusão e, em certa medida, formadores de opinião. Já o grupo

sergipano era formado por integrantes com baixa instrução e ocupados, em sua maioria, em atividades informais.

O Dialogay surgiu das inquietações e sensibilidades de Wellington Gomes Andrade, seu fundador. Em seus relatos acerca do momento histórico do surgimento da instituição, relembra o fato de a Banca de Revista Coelho, localizada na entrada do Calçadão da Rua João Pessoa, em frente ao antigo Cine Palace e próximo ao Palácio do Governo de Sergipe, vender o *International Journal*, uma publicação voltada ao público gay. Rememora também o fato de sofrer com a repressão da sua sexualidade no seio familiar, devido ao fato de serem evangélicos, e relata que se encantou com a possibilidade de ter um espaço ou um lugar em que a temática gay pudesse ser discutida. Então, em uma noite, recebeu em seu quarto, numa vila ao lado do Quartel da Polícia Militar de Sergipe, na Rua Boquim, n. 193, casa 26, no bairro Vila Senhor do Bomfim, o antropólogo Luiz Mott, para uma animada conversa sobre a possibilidade de fundação de um grupo gay em terras sergipanas.

O Boletim do Grupo Gay da Bahia, em seu n. 1, publicado em agosto de 1981, noticiou sobre as “Caravanas de ativismo: em Aracaju (Sergipe) estimulando a fundação do grupo ‘Dialogay’” (MOTT, 2011, p. 10). Fato que demarca um vínculo sem paralelo entre as instituições do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), como se observaria mais tarde, na carta de pedido de ajuda para evitar a extinção do Dialogay, em 2003.

Anos 1980 e a construção da identidade institucional

No início dos anos 1980, a sociedade aracajuana experimentava mudanças singulares no espaço urbano. O calçadão da Rua João Pessoa emprestava um charme a mais aos fins de tarde e o projeto paisagístico do Parque Teófilo Dantas abria espaço para a paquera, enquanto os gays ainda se aventuravam nos banheiros da Deusdedth Fontes, nas sessões pornô do Cine Rio Branco, no sorvete da Iara, ou nas passagens

rápidas pelo Cacique Chá, restaurante ícone da política sergipana, sem esquecer do Banho Doce na Praia de Atalaia, nas manhãs dos fins de semana de verão.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) havia transferido o *campus* do Centro de Aracaju para o Bairro Rosa Elze, no município de São Cristóvão, mas as repúblicas e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) permaneceram na capital sergipana. Isso permitiu que o Dialogay mantivesse suas reuniões no espaço estudantil.

A parceria com o DCE da UFS seria encerrada em março de 2000, durante a primeira gestão do GDS sem a presença de Wellington Gomes Andrade na presidência. Mas uma característica da militância nunca se extinguiria: a formação de parceria com diferentes segmentos da sociedade, com maior ou menor proximidade com as suas bandeiras de luta, a exemplo da Cáritas Arquidiocesana de Aracaju e a Sociedade do Bem Estar Familiar (Bemfam).

É notável também como a realização de encontros regionais, a exemplo do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON), ocorrido em Olinda (PE), entre 19 e 21 de abril de 1981 e o II Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizado em Salvador (BA), nos dias 13 a 15 de janeiro de 1984, serviram de fortalecimento dos ânimos para a continuidade das ações em Aracaju. A ida aos encontros regional e nacional animou ainda mais a militância em Sergipe e, em junho de 1981 foi comemorado o Dia Internacional do Orgulho Gay. Em nota publicada no jornal Folha de Sergipe, datada de 03 de junho de 1981, o Dialogay informava sobre a inscrição da caravana de Sergipe para a 33ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada de 8 a 15 de julho de 1981, momento em que o Grupo Gay da Bahia conseguiu uma moção de apoio ao movimento homossexual e realizou diversas manifestações com enorme repercussão midiática.

A sagacidade e coragem de Wellington Andrade não podem ser desconsideradas. Isto fica evidente quando lemos a nota publicada no Boletim do Grupo Gay da Bahia, edição de outubro de 1981, em relação ao convite feito a lideranças de

outras instituições congêneres para participarem do 10º Festival de Arte de São Cristóvão, de 23 a 25 de outubro de 1981. A empreitada contou com aluguel de uma casa na 4ª cidade histórica mais antiga do Brasil, em que se fizeram presentes os grupos GGB (BA), Aquarius (BA), Nós Também (PB) e Gatho (PE), contando com uma barraca para a venda de material bibliográfico. A pretensão era fazer uma passeata, abortada depois de os convidados convencerem o anfitrião da ausência de condições, devido a vaias recebidas (MOTT, 2011).

Em abril de 1982, a edição n.3 do Boletim do Grupo Gay da Bahia trouxe uma informação preocupante: “[...] Em Aracaju, o Dialogay depois de contar com uma dezena de associados, está reduzido atualmente na figura do Wellington Andrade [...]” (MOTT, 2011, p. 31) e, em junho de 1982, o mesmo boletim constatou que: “[...] dos 22 grupos funcionando em 80 hoje só restam 8: Nós Também (PB), Gatho (PE), Dialogay (SE), GGB (BA), Somos/Auê (RJ), Somos-Outra Coisa-Lésbico/Feminista (SP). O Adé-Dudu e o Aquarius (BA) foram os últimos a se desintegrarem [...]” (MOTT, 2011, p. 44).

A nota sobre a extinção destoa das atividades do Grupo Dialogay, que em 1982 realizava o “Show de Variedade”, organizado por Wellington Andrade no Teatro Atheneu, com Ivo Adnil (ator e diretor teatral em Sergipe) e transformistas. Ocupar a cena pública seria a tônica e a marca mais característica do Dialogay, quer nas andanças de Wellington Andrade durante os fins de tarde no Calçadão da Rua João Pessoa, com seu inconfundível “Livro Ouro”⁵, ou nas passagens pelas repartições públicas com oferta do Jornal *Lampião da Esquina* e sempre com pedidos de ajuda para aquisição de passagens para a participação em eventos em outros Estados.

Entre 19 e 20 de março de 1983 o Dialogay comemorou o seu segundo aniversário. As ações foram desenvolvidas no Teatro Juca Barreto, no Cultart, antiga

⁵ Denominava-se “Livro de Ouro” um caderno em que se passava às pessoas para contribuírem com uma causa, ou seja, a primeira folha trazia a justificativa da doação e, a pessoa que contribuía assinava o nome e o valor doado.

Faculdade de Direito, com palestra do Professor Djaldino Motta Moreno, sobre “Homossexualismo no cinema”. O palestrante era presidente do Clube de Cinema de Sergipe e no domingo ocorreu o show do Conjunto Gingasamba (DIALOGAY, 1983).

Uma pesquisa importante, a ser desenvolvida em estudos futuros, seria resgatar a publicação do Boletim Informativo do Grupo Dialogay de Sergipe, com linha editorial similar ao Boletim do Grupo Gay da Bahia, cabe registrar. O n. 7 do Boletim do GGB foi lançado durante as comemorações dos dois anos de existência do Dialogay, nos dias 18 e 19 de março de 1983 (MOTT, 2011). A edição trazia uma notícia bombástica: “Recebemos circular do companheiro Wellington Andrade, da cidade de Aracaju, informando que infelizmente o GRUPO DIALOGAY extingue-se por falta de ativistas. É UMA PENA” (MOTT, 2011, p. 84). As demandas do grupo, principalmente de recursos humanos e financeiros, para manter um projeto desta envergadura não passaria ilesa a dificuldades de toda ordem.

É importante, também, lembrar o fato de o professor Luiz Mott ter custeado durante toda a existência do Dialogay a Caixa Postal 298, mantida na Agência Central de Aracaju, na Rua Itabaianinha com o Calçadão da Rua Laranjeiras, no centro da cidade. Aqui estaria um importante instrumento de comunicação com muitos gays e lésbicas, não apenas da capital, mas do interior e de outros estados brasileiros. As correspondências eram todas disponibilizadas aos membros nas reuniões das quartas-feiras, quando se abriam as cartas, que eram lidas em voz alta e, ao final decidia-se sobre os encaminhamentos, quer na condução da resposta ou envio de material de divulgação. Todas as correspondências eram sempre lidas e respondidas.

Os anos 1980 foram marcados pela presença do Dialogay junto a outros movimentos sociais, parcerias com sindicatos, movimento estudantil universitário e partidos de esquerda, a exemplo do Partido dos Trabalhadores. A aproximação com a política partidária se estreitaria com a chegada de Jackson Barreto (PMDB) ao Palácio Inácio Barbosa, quando os ofícios se tornaram ainda mais presentes, com solicitações

para a realização de alguma atividade da instituição e, mais adiante, com o seu envolvimento na defesa da inclusão da não discriminação por orientação sexual na Constituição Federal, em 1988. Quando da eleição para prefeito da capital, inovou com a realização de debate com os candidatos. Apesar de não lograr tanto êxito, a proposta foi amplamente veiculada nos jornais locais, a exemplo do Cinform, edição 290 (31/10 a 06/11/1988) e Jornal da Manhã, que em 22 de setembro de 1988 trouxe a seguinte manchete: “Presidente do Dialogay quer ser vereador”.

Em 1988, Wellington Gomes Andrade lançou candidatura a vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT) com o seguinte *slogan*: “Para haver mudança: vote Wellington esperança”. Na condição de petroleiro, esperava apoio da categoria para a sua eleição. O fato de não ter logrado êxito, não impediu de persistir em sua luta.

Impressiona também a capacidade do Grupo de reivindicar a cidadania homossexual em sua plenitude, sem esquecer o lado lúdico. Em 15 de abril de 1988, na borda da piscina do Hotel Palace, foi realizado o concurso Garoto Sexy, com renda revertida para o Orfanato Lar Infantil “Cristo Redentor”. O evento foi patrocinado pela Gráfica J. Andrade, Beto Sport, Hotel Palace de Aracaju, Tásvídeo e Visag (GAROTO, 1988).

Os anos 1980 também serviram de aprendizagem para lidar com o poder instituído e, em uma ocasião, quando da organização de um debate sobre a homossexualidade no Centro de Cultura e Arte (Cultart) da Universidade Federal de Sergipe, a portaria foi bloqueada por comissários de menores, num ato de intimidação e constrangimento, com a justificativa de permitir a entrada somente de maiores de 18 anos, conforme relatou reportagem do Jornal da Manhã de 22 de setembro de 1988 (MOTT, 2011).

Ainda nesse período, a militância pelos direitos civis dos homossexuais iria perder um pouco da atenção para os esforços do Dialogay em prol da luta contra a Aids. O grupo foi protagonista no lançamento de campanhas de prevenção, na realização de

vigílias e mobilização pelas vítimas do vírus HIV (AIDS, 1989), com forte apelo à sociedade para o acolhimento, o cuidado e a não discriminação. Além disso, os anos 1980 também seriam de aproximação com delegadas da Delegacia da Mulher, considerada pela instituição como um equipamento importante a ser procurado em caso de violência contra homossexuais.

Ao final da década de 1980 o Dialogay havia alcançado reconhecimento na sociedade aracajuana, quer pelas ações provocativas, quer pelo discurso de respeito as minorias. Entradas suas ações de maior destaque, podemos citar a defesa da Delegacia da Mulher, a distribuição ampla de preservativos, a candidatura a vereador, o compartilhamento da caixa postal, as reuniões semanais ininterruptas (quartas e sábados), a participação em eventos locais, regionais e nacionais, as matérias veiculadas constantemente na mídia local e a divulgação de material sobre a causa homossexual. Os anos de 1990 seriam decisivos para o grupo.

Os anos 1990, a Aids e as bandeiras de luta do Dialogay

Ao chegar na nova década, o Grupo Dialogay de Sergipe havia conquistado notoriedade e se fortalecido a ponto de trazer para o estado o IV Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizado em Aracaju, no período de 11 a 14 de janeiro de 1990.

A realização do evento nacional demonstrava ousadia institucional, especialmente em uma época de difícil mobilização de recursos na sociedade local para custear as despesas de suas atividades, mas nada se compararia com os desafios trazidos pela aids. Apesar do pioneirismo em lançar campanhas de combate ao HIV, Wellington Andrade iria conseguir o registro da instituição no Cartório do 10º Ofício (fl. 148 verso – sob número 7.821), em Aracaju, apenas em 06 de setembro de 1990, fato relevante para assegurar acesso a recursos públicos. Pouco tempo depois conquistaria os títulos de

utilidade pública estadual (SERGIPE, 1993) e de utilidade pública municipal (ARACAJU, 1993).

Uma ação perspicaz da instituição foi compreender a dinâmica das estratégias utilizadas pelos demais grupos de afirmação homossexual e replicar em Aracaju, a exemplo da distribuição de camisinhas e panfletos informativos. As ações de prevenção no carnaval eram o ponto de partida, mas as campanhas de prevenção se estendiam ao longo do ano (GRUPO, 1991a), a exemplo da Vigília em Solidariedade aos Doentes de Aids no mês de maio. Assim, os projetos iam engajando novos atores sociais, entre os quais se destacava a participação de membros da Igreja Católica, escoteiros, além do apoio do Lyons Club e do Rotary, demonstrando a capacidade institucional de romper o preconceito. Ainda com as ações em torno da prevenção à Aids passou-se a agregar diferentes forças do Estado.

Por um longo período, as camisinhas distribuídas pelo Grupo Dialogay de Sergipe advinham de uma parceria com a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil (Bemfam). Durante o referido convênio foram repassadas mais de um milhão de preservativos. Aqui está um dos maiores feitos do Grupo: a formação de consciência em relação a prevenção, independente de orientação sexual e a sua sagacidade em permitir a condução de um diálogo com instituições e pessoas contrárias às bandeiras de luta da instituição em relação a sexualidade, a exemplo da articulação com leigos da Igreja Católica. Assim, muitas vidas de sergipanos e sergipanas foram salvas graças à incessante distribuição de camisinhas por Wellington e companheiros do Dialogay durante décadas seguidas.

Em 1991, o Grupo Dialogay comemorou 10 anos de existência. Nas palavras de Wellington Andrade, a instituição dedicou-se ao longo do tempo a desenvolver palestras, debates e shows sobre sexualidade. A celebração foi realizada no dia 09 de março de 1991, no Cotinguiba Esporte Clube, com a festa intitulada “As mais, mais... 1990”, quando houve premiação de reconhecimento a personalidades que contribuíram

com as atividades do Dialogay. “Dentre os homenageados da noite, destacamos o médico Almir Santana, estilista Antônio Lisboa, colunista João de Barros, bailarino Glaydston Santos, a personalidade de Magnólia, cantor Tonho Baixinho, Grupo Afro Cultural Axé Quizomba, Banda Mente Plana e outros de igual brilho” (GRUPO, 1991b).

Um fato nada estranho para os moldes de atuação do Dialogay foi o pedido de celebração de uma missa na Catedral Metropolitana de Aracaju, em sufrágio das almas dos homossexuais assassinados (MISSA, 1991). O mais impressionante foi esta atividade fazer parte da programação das comemorações do Dia do Orgulho Gay. Outro fato memorável da atuação do Dialogay na década de 1990 foi o lançamento da campanha de combate à violência. Um desenho de um homossexual imerso em uma poça de sangue, dentro de um triângulo, com a seguinte chamada: “Homossexuais – ‘quem cala sobre teu corpo consente na sua morte’ (Milton Nascimento)” e, mais abaixo: “Toda semana é assassinado um homossexual no Brasil. Por causa do preconceito. Denuncie a violência anti-gay”.

Em 28 de junho de 1992, o Dialogay conseguiu junto à Câmara Municipal de Aracaju aprovar o nome “28 de Junho” para designar uma rua no Conjunto Orlando Dantas (antiga Rua I-6), zona sul de Aracaju. O evento de descerramento da placa contou com a participação de Elke Maravilha e Leão Lobo (GRUPO, 1992).

Em 1993 a instituição se habilitou e obteve êxito em um edital de seleção pública para desenvolver ações de prevenção à Aids com recursos do Ministério da Saúde. As dificuldades técnicas e administrativas levariam a instituição à beira da extinção pela segunda vez. Como noticiado em 18 de fevereiro de 1997, a solução encontrada para sanar o problema foram a realização de eventos e doações que permitiram resolver a prestação de contas, mas o desgaste debilitou as forças institucionais e do seu líder, Wellington Andrade.

Em junho de 1994, Wellington Andrade viajou a Nova York para participar das comemorações dos 25 anos do *Stonewall Inn* (MEMBRO, 1994). Era sua realização como militante, levar o nome do Dialogay era uma honra e uma demonstração da importância da instituição junto aos eventos que marcaram a luta civil pelos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos da América e de como suas bandeiras de luta chegaram a Sergipe.

Foi uma década de aproximação com o movimento sindical, especialmente petroleiros e bancários, além de mandatos eletivos de deputados estaduais e vereadores de Aracaju. As parcerias firmadas impulsionaram a instituição na produção de material e fortalecimento das ações em rede.

O Dialogay também participou da fundação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), em Curitiba, em janeiro de 1995. A nova instituição creditava esperança de uma articulação nacional capaz de fortalecer o diálogo com as instâncias governamentais e com condições de abrir espaço de debate com a mídia e segmentos mais conservadores, naquilo que Toni Reis apostaria mais adiante como concepção de *advocacy*. Na época da fundação da ABGLT, membros do Dialogay e graduandos na Universidade Federal de Sergipe ousaram criar um Núcleo de Estudos da Homossexualidade, com apoio de Gilvan dos Santos Rosa, presidente da Associação Atlética da UFS. A iniciativa gerou muitas rugas com Wellington Andrade e, na ocasião da fundação da ABGLT, os antigos membros estavam representando o referido Núcleo.

O rol de pessoas e entidades envolvidas com as atividades do Dialogay ao longo da década de 1990 foi imenso, com idas a delegacias para acompanhar vítimas de violência, monitoramento das mortes violentas, entrevistas constantes às emissoras de rádio, TV e jornais, além de palestras em escolas e universidades.

A leitura mais adequada dos eventos no fim da década de 1990 é de uma instituição atuante, mas com minguado quadro de sócios, fato recorrente nos grupos

desta natureza em território nacional. A ausência de membros em condições de organizar a rotina e permitir alcançar os requisitos para firmar parcerias com o Estado era um dos problemas institucionais e Wellington Andrade assumiria todas as responsabilidades, a ponto de apresentar problemas de estresse por consequência da rotina intensa. Assim, em 20 de setembro de 1997 foi afastado da presidência do Grupo Dialogay de Sergipe, constituindo um dos momentos mais tensos e difíceis da instituição. Era a culminância de uma série de dificuldades estruturais que assumia um grau de dramaticidade nas relações internas. Mesmo assim, Wellington conseguiu reaver a direção e persistiu com as atividades da instituição, mesmo porque a mobilização para afastá-lo não produziu nenhum efeito jurídico e, muito menos prático, devido à ausência de ações dos propositores desta medida.

O retorno de Wellington Andrade seria marcado pelas comemorações dos 15 anos do Dialogay, com realização de palestras sobre a Aids (DIALOGAY, 1998).

Evidentemente, o imprevisto e a ausência de pessoal para levar adiante as ações do Grupo terminavam sobrecarregando a pessoa de Wellington Andrade, a ponto de ter havido momentos de esgotamento físico e mental. Momentos estes em que as tensões, as críticas e pedidos de saída de sua pessoa da direção do Dialogay surgiam com mais ou menos intensidade.

No final dos anos 1990, como fruto da ousadia e do trabalho de um grupo de profissionais de saúde com travestis e transexuais, surgiu a Associação de Travestis Unidas na Luta Pela Cidadania (Unidas), que passou a ser um importante instrumento de promoção da visibilidade e de diálogo com o poder público, principalmente no campo da saúde, quando foram dados os primeiros passos quanto à dignidade e respeito a travestis e transexuais no estado de Sergipe. Em certa medida, abria-se a oportunidade de interlocução com uma instituição também voltada à defesa da causa GLBT (sigla utilizada na época). O Dialogay não era mais a única instituição a defender os homossexuais em Sergipe.

Anos 2000, neoliberalismo, nova política de Aids e as bandeiras LGBTI+

O novo milênio se aproximou, mas os velhos problemas enfrentados pelas instituições LGBTI+ no Brasil persistiam e com o Dialogay não seria diferente: desgaste com uma gestão muito longa, não por imposição de Wellington Andrade, mas pela ausência de interessados em levar adiante as bandeiras do grupo, falta de infraestrutura e condições financeiras. Em 29 de janeiro de 2000 ocorreu uma assembleia para discutir o novo estatuto e a eleição da nova diretoria. Nascia ali a gestão “A Borboleta”.

Um novo modelo de prática administrativa, entrada de novos membros, reativação de antigos participantes e, em pouco tempo, o grupo estaria funcionando todos os dias da semana, nos dois turnos, além de manter as reuniões das quartas-feiras e trazer a atividade do sábado para o fim de tarde da sexta-feira, correspondendo justamente ao período da gestão dos autores deste artigo.

No ano de 2000, o Grupo Dialogay de Sergipe também participou do Encontro Regional de ONGs Aids e do Encontro Nacional de ONGs Aids na cidade de Recife (PE), eventos que debateram a importância da sustentabilidade das ações da sociedade civil em prevenção às DST/HIV/Aids e promoção de direitos humanos.

Entre 19 e 22 de fevereiro de 2001, o Grupo Dialogay de Sergipe organizou o I Encontro de Grupos GLTT do Nordeste, com representantes de instituições de seis estados. Por se tratar de um encontro regional, houve críticas apontando que este na verdade deveria ter sido denominado de II Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON), em referência ao evento realizado vinte anos antes, na cidade de Recife (PE), como sinalizado por Luiz Mott tempos depois, através de uma correspondência, ao solicitar a revisitação nas notas publicadas no Boletim do Grupo Gay da Bahia. Entretanto, embora a história de luta e memória do primeiro

encontro tenha sido de fundamental importância, a mudança de nomenclatura atendeu a uma atualização da própria pauta, que não se restringia mais à defesa dos direitos de pessoas homossexuais.

Como resultado do esforço da gestão iniciada em 2000, foi obtida a conquista de uma série de financiamentos, ampliando sobremaneira o rol de ações, desde a prevenção a Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST/HIV –, oficinas de autoestima, capacitações, interação e parceria com outros movimentos sociais, organização do Fórum ONG Aids de Sergipe, eventos de debate, fóruns de discussão, manifestações de rua, entrevistas nos meios de comunicação e, talvez a mais significativa conquista tenha sido um assento no Conselho Municipal de Saúde de Aracaju, espaço de participação em uma instância singular do controle social junto ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Ainda no ano de 2001 o Grupo Dialogay de Sergipe integrou a caravana sergipana que participou na cidade do Rio de Janeiro de uma etapa nacional das prévias da I Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Xenofobia e outras formas correlatas de intolerância, que aconteceria no mesmo ano em Durban (África do Sul), que significou um marco no reconhecimento da interseccionalidade de discriminações e também para que os debates sobre políticas públicas para a população LGBT que fossem além das ações de prevenção às DST/Aids, abrangendo questões como educação, saúde integral e segurança pública.

O maior desafio da gestão do Dialogay continuaria sendo a ausência de um número maior de membros em condições de atuar na condução das rotinas, a exemplo de elaboração de projetos e relatórios ou, ainda, a inconsistência no plano de negócio da instituição, com melhor definição das fontes de financiamento para custear as despesas com pessoal, justamente o ponto de estrangulamento que levaria à extinção de suas atividades em 2003.

É inegável o quanto o percurso do Dialogay demonstra o empenho de seus membros em lutar pela cidadania da população que hoje chamamos LGBTI+ e o quanto congregava aspirações e desejos de mudança em relação à homofobia na sociedade sergipana. Resta uma dimensão ainda a ser explorada, sobre como suas atividades e existência estavam atreladas a uma capilaridade do movimento homossexual nacional.

Os desafios de gestão foram imensos, especialmente pelo volume de ações realizadas, incluindo ampliação da área de abrangência para o interior do estado, manutenção de uma sede aberta todos os dias da semana, com fluxo contínuo de pessoas. Tudo isso demandou energia e esforço incomensuráveis, especialmente num momento de tensionamento das organizações não-governamentais para se habilitarem na condição de Organização Social de Interesse Público (Oscip), em função da Lei n. 9.790, de 23 de março de 1999, para facilitar repasses de recursos do Governo Federal. Além disso, os movimentos sociais sentiam o impacto das políticas neoliberais e, no caso dos projetos financiados pela Política Nacional de DST/Aids, havia uma sinalização evidente de redução drásticas dos editais de projetos, quando se passou a discutir a política de transferência de recursos fundo a fundo, abandonado assim a triangulação com as agências das Nações Unidas, a exemplo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e o pior aconteceu: os recursos minguaram muito rapidamente a ponto de asfixiar as instituições.

O drama maior seria vivenciado pelas reprovações de itens das prestações de contas e, aos poucos, as instituições foram fechando suas portas ou desaparecendo da cena pública. Com ínfima participação local e as raras articulações nacionais, agora realizavam basicamente atividades voltadas aos projetos das Paradas da Diversidade.

No momento da saída de cena do Dialogay, ocorreu o fortalecimento da Associação de Travestis e Transgêneros de Aracaju (Astra), fundada em 30 de novembro de 2001 e responsável direta pela Parada da Diversidade de Sergipe, desde

2002; e a Associação de Defesa Homossexual de Sergipe (Adhons), com registro de sua fundação em 07 de março de 2003.

O “apagar das luzes”, trazido a lume pelo historiador e militante do Dialogay Gilvan dos Santos Rosa (2006), não foi suficiente para levar ao esquecimento tamanha ousadia e criatividade nas suas inserções sociais, como a feijoada, denominada “Come gay”, a corrida “De ré” e haja fôlego para retratar o cotidiano, as discordâncias, mas ao final a sociedade recebia uma atenção especial quando se buscava a cidadania LGBTI+.

Considerações Finais

O Grupo Dialogay de Sergipe tornou-se uma escola de militância e cidadania. Os militantes sergipanos adquiriram *expertise* em relação à defesa da dignidade da pessoa humana em suas reuniões, ações, capacitações e manifestações icônicas. A trajetória do Dialogay é de luta e persistência, para evitar sucumbir às agruras do preconceito, do medo e da repressão social. Por isso, resgatar sua memória, mesmo que de modo parcial, é instigar novas incursões. Organizar trilhas para se apoderar de feitos memoráveis, de mobilização e engajamento. Não revisitar esse percurso seria deixar uma lacuna para as futuras gerações daqueles e daquelas ousados desbravadores da cidadania de um dos segmentos mais excluídos de nossa sociedade.

Em suma, o fato de ser um grupo sergipano, sua história sempre esteve atrelada aos acontecimentos e bandeiras de luta do movimento homossexual brasileiro e das campanhas de prevenção à Aids e, em certa medida, sempre foi ouvido e respeitado nos fóruns nacionais pela sua inserção no cenário sergipano, quer pela ousadia, criatividade, ou pelo carisma de seu fundador, ao demonstrar empenho e uma vontade de ter a causa LGBTI+ reconhecida.

Considerando a atual conjuntura, de recrudescimento de ideias conservadoras e avanço da extrema direita e de setores fundamentalistas nos poderes do Executivo e

Legislativo, identificamos na trajetória da luta LGBTI+ mecanismos importantes para a resistência e o enfrentamento ao obscurantismo. Nesse sentido, destacam-se as parcerias com outros movimentos sociais, a partir da identificação de lutas estratégicas que se somam ou inter cruzam diante dos novos desafios da contemporaneidade. Entendemos que os direitos conquistados, fruto desta luta que completa mais de quatro décadas de institucionalização, devem ser garantidos. Mesmo nesse momento adverso, com inúmeras dificuldades de avançar na cidadania de pessoas LGBTI+, observamos, por exemplo, a eleição de uma vereadora travesti na capital sergipana como a parlamentar mais bem votada do pleito de 2020. Com certeza isso é fruto de uma trajetória de sonhos e lutas que semearam diálogos de respeito à diversidade e fortalecimento de novas lideranças. Neste momento devemos ocupar e fortalecer os espaços institucionais, como a mandata da vereadora Linda Brasil do PSOL, mas, principalmente, nos mantermos mobilizados em parceria com o setor judiciário e ampliar cada vez mais a nossa voz nas redes sociais e nas ruas, pois LGBTIfobia é crime e ninguém vai nos mandar de volta para o “armário”. Importante registrar, ainda, do quanto o Dialogay atuou também em prol da aprovação de leis na Câmara Municipal de Aracaju e na Assembleia Legislativa de Sergipe.

Referências

- AIDS: Vítimas terão vigília neste domingo. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 27 mai. 1989.
- ANDRADE, Wellington Gomes. **Carta a Affonso Arinos de Melo Franco**. 07 ago. 1986 (mimeo).
- ARACAJU. **Lei n. 2.076**, de 20 de dezembro de 1993. Reconhece de utilidade pública o Grupo Dialogay de Sergipe. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/se/a/aracaju/lei-ordinaria/1993/208/2076/lei-ordinaria-n-2076-1993-reconhece-de-utilidade-publica-o-grupo-dialogay-de-sergipe?q=2076>>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do Grupo Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.
- DIA Internacional do Orgulho Gay. **Folha de Sergipe**, Aracaju, 03 jul. 1981.
- DIALOGAY comemora seu aniversário. **Jornal da Cidade**, Aracaju, n. 3.407, 18 mar. 1983.
- DIALOGAY promove palestra sobre os 15 anos de existência da Aids. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5A, 14 mai. 1998.

- DUNKER, Christian; QUINALHA, Renan. A homofobia dos magistrados. **Revista Cult**, 20 set. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-homofobia-dos-magistrados/>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- ENTIDADE defende hoje direito dos homossexuais na nova Constituição. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 abr. 1987.
- GAROTO sexy. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 25 mar. 1988.
- GOLPE: “Traição” extingue o Grupo Dialogay. **Jornal da Cidade**, Aracaju, B-2, 27 fev. 2003.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- GREEN, J. N.; QUINALHA, R. (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.
- GREEN, James N.; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa; QUINALHA, Renan. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018.
- GRUPO Dialogay faz festa e comemora os seus dez anos. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 07 mar. 1991b.
- GRUPO Dialogay inaugurou uma rua. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 29 e 30 mar. 1992.
- GRUPO Dialogay vai se engajar na luta para evitar doença. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 03 fev. 1991a.
- IRREGULARIDADE leva diretoria do Dialogay a extinguir grupo. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 19 fev. 1997.
- LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil**, v. 2: a sociedade civil se organiza pela luta contra a aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde; Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e “lutas”: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Orientador: Ernesto Seidl. São Cristóvão: UFS, 2013.
- MEMBRO do Dialogay chega de evento em Nova Iorque. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 10 e 11 jul. 1994.
- MISSA no Dia do Orgulho Gay. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 29 jun. 1991.
- MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia 1981-2005**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011.
- MOTT, Luiz. **A cena gay de Salvador em tempos de Aids**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.
- PADRE realiza ‘Banquete do Senhor’ em Aracaju. **G1 – Sergipe**, 02 jun. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/06/padre-realiza-banquete-do-senhor-em-aracaju.html>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- PRESIDENTE do Dialogay quer ser vereador. **Jornal da Manhã**, Aracaju, 22 set. 1988.
- ROSA, Gilvan dos Santos. O apagar das luzes: a extinção do Dialogay e seu legado. **Infonet**, Aracaju, 18 mar. 2006.
- SERGIPE. Assembleia Legislativa de Sergipe. **Lei n. 3365**, de 25 de agosto de 1993. Reconhece de Utilidade Pública o Grupo Dialogay (Comitê de Solidariedade) de Sergipe. Diário Oficial, Aracaju, 26 ago. 1993. Disponível em: <https://al.se.leg.br/Legislacao/Ordinaria/1993/O33651993.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Refgina. **Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

**The LGBTI + Movement in Sergipe:
40 years of the Dialogay Group of Sergipe**

Abstract: Essay on the itinerary, actions, subjects, and guidelines developed by the Dialogay Group of Sergipe (GDS), since its foundation, on March 14, 1981 and its extinction, in 2003. The objective is to instigate a preliminary approach on the memory of a of the most active LGBTI + groups in Brazil. The revisiting of documents, newspaper clippings, testimonies and fragments of memories are essential to understand the dynamics of the Brazilian homosexual movement in the last 40 years. Breaking the silence, the isolation of local practices and finding the links between entities and militants spread across the national territory, can help in the interpretation of the permanence of the fight flags, in the recent conquests in the Justice and it was built in this soon route.

Keywords: Diversity; LGBTI; social movement; Sergipe; memory.

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 19/07/2021